

# “Você é muçulmana, você fez isso”: a representação do outro no discurso estereotipado

Antonio Eliseu Lemos Leal Sena  
Diógenes Cândido de Lima  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

***Resumo:** O objetivo deste artigo é retomar o tema estereótipos do ponto de vista da educação, baseado em alguns conceitos formulados pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin, dentre eles o de dialogismo e a relação entre o eu e o outro na contínua construção e reconstrução da identidade. Para compreendermos um pouco essas formações imaginárias e a efetiva aplicação dos conceitos bakhtinianos supracitados, tomaremos como objeto de análise a introdução de um artigo de Wingfield e Karaman (1995) denominado Arabic Stereotypes and American Educators. Esse texto nos permite analisar como os estereótipos são criados, repassados e como se insere o dialogismo e a relação entre o eu e o outro para a construção da identidade.*

***Palavras-chave:** Estereótipos. Dialogismo. O eu e o outro.*

## Introdução

Os estereótipos sempre foram instigantes e fascinantes, principalmente após compreender que essas formações imaginárias de uma determinada comunidade não dependem totalmente de quem é visto, mas daquele que vê. Entretanto, as produções científicas no Brasil que tratam de estereótipos são ainda bastante restritas, talvez pelo fato de, em muitos estudos (LIPPMAM, 1922; MOREIRA, 2004; TORRECILLAS, 2008), terem uma conotação bastante negativa. É importante ressaltar que essas imagens, criadas e mantidas sobre o outro, estão presentes na cultura de um povo, são repassadas pelos diversos tipos de textos e largamente difundidas pelas mídias como verdadeiros.

Este artigo visa a abordar o tema estereótipos aplicando alguns dos conceitos bakhtinianos. Destarte, é imprescindível entender os estereótipos e como se deu a sua criação, o dialogismo e a relação entre o eu e o outro na construção e

reconstrução da identidade, de acordo com a visão do estudioso Mikhail Bakhtin. Para tanto, o artigo se subdivide em três partes. A primeira parte é utilizada para conceituar e caracterizar os estereótipos. A segunda tratará do dialogismo bakhtiniano e a relação entre o eu e o outro na construção e reconstrução da identidade do indivíduo. Logo após a explanação teórica, na terceira parte, é apresentado o texto introdutório do artigo de Wingfield e Karaman (1995) denominado *Arabic Stereotypes and American Educators* com o intuito de mostrar como os estereótipos são criados e passados, qual a relação dialógica e as vozes por trás do discurso sobre os árabes e o terrorismo, e como essas representações influenciam na construção e reconstrução da identidade do indivíduo.

### **Estereótipos: uma breve retomada histórica**

Em linhas gerais, os estereótipos são opiniões que uma pessoa ou um grupo de pessoas formula previamente sobre outra pessoa, grupo, nação, coisa ou situação. Porém, o estudo desse tema é bastante complexo para uma conceituação tão simplória e generalizada. Para entender o que estereótipo realmente significa, faz-se necessário estudá-lo a partir da sua etimologia.

Do grego, o termo *estereótipo* é formado por duas palavras: *stereos* significa rígido, e *typos*, traço, marca, tipo. Amossy e Pierrot (1997) acreditam que esse termo foi primeiramente utilizado pela tipografia no início do século XIX, e designa as pranchas, clichês ou moldes mecânicos que são utilizados em impressões, repetidamente. A conceituação de estereótipos como conhecemos hoje foi utilizada pela primeira vez, em Ciências Sociais, por Walter Lippman, em 1922. Esse autor entende que as representações funcionam como guias que ajudam o indivíduo a lidar com informações complexas e, ao mesmo tempo, proteger os seus valores, interesses e ideologias. Complementa essa ideia salientando que os estereótipos são versões hipersimplificadas da realidade e dependem mais de quem vê do que daquele ou daquilo que é visto. Nossa cultura

está intimamente ligada a essa imagem que construímos do outro; como bem salienta o autor:

Em geral, nós não vemos primeiro e depois definimos, nós definimos primeiro e depois vemos. Na grande confusão ruidosa e fervilhante do mundo exterior, nós selecionamos o que a nossa cultura já tem definido para nós e tendemos a depreender o que foi selecionado em forma de estereótipo para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 1922/1961, p. 81, tradução nossa).<sup>1</sup>

Os estereótipos, então, seriam essas imagens em nossas cabeças que são fixas e imutáveis, e as mesmas o tempo todo. Elas são baseadas não em uma ciência objetiva, mas em imagens feitas pelo eu. As experiências e perspectivas das pessoas pintam a paisagem de suas crenças e essas imagens navegam pelo seu mundo social. Nesse caso, estereótipos seriam as crenças e opiniões sobre características, atributos e comportamentos de membros de vários grupos. Na Psicologia Social, o estereótipo é amplamente discutido devido a sua função articulatória entre os processos motivacionais, cognitivos e sociais. A Psicologia entende os estereótipos como sendo crenças de um grupo que, por sua vez, compartilha-as com outros grupos, numa dada cultura. Morales (1997) entende que os aspectos históricos e ideológicos devem ser considerados como determinantes desses processos psicológicos, presentes na estereotipia, e que se evidenciam nas relações intergrupais e intragrúpis.

Os estereótipos também são fonte de inspiração para muitas piadas, algumas de conteúdo racista, como as piadas de judeu, que é retratado como ávaro; negro, como malandro; loira, no Brasil, como pouco inteligente; árabes, como terroristas, etc. Entretanto, se entendêssemos que os estereótipos estão relacionados somente a uma ideia negativa, cairíamos em contradição, visto que existem estereótipos também positivos

---

<sup>1</sup> For most part we do not first see, and then define, we define first and then see. In the great blooming, buzzing confusion of the outer world we pick out what our culture has already defined for us, and we tend to perceive that which we have picked out in the form stereotyped for us by our culture.

sobre determinada pessoa, grupo, coisa ou situação. O estereótipo positivo é aquele em que se atribuem características positivas a todos os objetos ou pessoas de uma categoria particular como, por exemplo, a ideia de que todos os japoneses são super dotados, que todos os adolescentes norte-americanos são independentes e têm uma boa vida financeira, que todos os afro-descendentes são bons dançarinos e que todos os brasileiros gostam de samba e futebol. Burgess (2003) se refere a um estudo de estereótipos<sup>2</sup> que revelou que os norte-americanos são geralmente considerados como amigáveis, generosos e tolerantes, mas também arrogantes, impacientes e dominadores. Os asiáticos, por outro lado, são esperados para serem astutos e alertas, mas reservados. Claramente, nem todos os americanos são amigáveis e generosos, e nem todos os asiáticos são reservados. Mas de acordo com esse estudo, os outros comumente percebem dessa forma. Lakatos (1995) partilha da ideia de que os estereótipos são construções mentais falsas. Para ele, as imagens e ideias estereotipadas são de conteúdo alógico e estabelecem critérios socialmente falsificados que se baseiam em características não comprovadas e não demonstradas.

### **Classificando os estereótipos**

Apesar de não haver consonância entre os estudiosos desse tema, Lester (1996) classifica os estereótipos em: a) estereótipos étnicos, ou seja, aqueles relacionados à etnia de um grupo, dentre eles os estereótipos sobre os nativo-americanos, os judeus, os afro-descendentes e os árabe-americanos; b) os estereótipos de gênero, a saber, o masculino e o feminino; c) estereótipos de idade, especialmente a criança e o idoso; d) estereótipos físicos, ou seja, as representações de pessoas com necessidades especiais e obesidade; e) estereótipos de orientação sexual, em especial o homossexualismo e o lesbianismo; f) estereótipos miscelâneos, ou seja, os que não se encaixam em nenhuma das categorias

---

<sup>2</sup> BRESLIN, J. William. Breaking away from subtle biases. In: BRESLIN, J. William; RUBIN, Jeffrey (Ed.). *Negotiation theory and practice*. Cambridge, Mass., U.S.: Program on Negotiation Books, 1991. p. 247-250.

mencionadas anteriormente, como por exemplo o estereótipo do político, do advogado, do policial, dos representantes religiosos e outras vítimas da mídia. Na classificação dos estereótipos, Enteman (1996) insere um novo tipo, o estereótipo metafórico. Para ele, o estereótipo metafórico é aquele que retém subtextos do original. Na mídia, aqueles que o promulgam não respondem às nuances da situação atual. Usam-no como um substituto de uma análise mais cuidadosa. Os que agem dessa forma simplesmente não querem fazer um trabalho mais intenso para chegar a um resultado superficialmente aceitável. Para o autor, quando somos tentados a usar esse tipo de estereótipo, também desviamos a necessidade de rever situações e pessoas.

Uma distinção entre estereotipia, estereótipo e estereótipos sociais é feita por Oakes, Haslam e Turner (1994). Para eles, estereotipia seria o processo de se atribuir características a pessoas com base na sua vinculação a seus grupos. Estereótipo, por outro lado, seria o conjunto de atributos que se acredita definir ou caracterizar os membros de um grupo social. Quando os estereótipos são aceitos e partilhados por membros de um grupo, são denominados estereótipos sociais. No Dicionário de Análise do Discurso, Charaudeau e Maingueneau (2004) definem o estereótipo como sendo uma representação coletiva cristalizada, e designa o que é fixo e estratificado. Torrecillas (2008) entende estereótipos, em Análise do Discurso, como sendo uma construção de leitura, visto que ele emerge somente no momento em que um eu recupera, no discurso, elementos espalhados e frequentemente lacunares, para reconstruí-los em função de um modelo cultural preexistente. A imagem do outro vai depender do cálculo interpretativo do eu e de seu conhecimento enciclopédico.

## **O dialogismo bakhtiniano**

O dialogismo bakhtiniano, de acordo com Barros (2005), está dividido em duas diferentes vertentes: a do diálogo entre os interlocutores, e a do diálogo entre os discursos, visto que ele considera que o objeto e o método nas ciências humanas são

dialógicos. Barros ainda aponta que, quanto ao objeto, o texto define-se como significante ou de significação, ou seja, o texto significa; produto da criação ideológica ou de uma enunciação, estando aí subentendido o contexto histórico, social e cultural; constitutivamente dialógico, ou seja, é definido pelo diálogo entre os interlocutores e com os outros textos; único, não reproduzível, ou seja, os traços mencionados fazem do texto um objeto único, não-reiterável ou repetível. Brait (2005) nos auxilia a entender o dialogismo entre os discursos e o dialogismo entre os sujeitos de um discurso. Para ela, se por um lado o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade, por outro lado, o dialogismo também diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. A autora conclui que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.

Bakhtin entende a relação dialógica como uma relação marcada por uma profunda originalidade e que não pode ser resumida a uma relação de ordem lógica, linguística, psicológica ou mecânica, ou ainda a uma relação de ordem natural. Para o autor, a relação dialógica é uma “relação específica de sentido cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos por trás dos quais está um sujeito real ou potencial, o autor do determinado enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 354). O dialogismo bakhtiniano estabelece a interação verbal no centro das relações sociais, visto que, de acordo com Dahlet (2005, p. 55), toda a parte verbal de nosso comportamento não pode, na visão de Bakhtin, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente. É baseado nessa assertiva que Dahlet esclarece, em seu artigo, que tal princípio articula três posicionamentos maiores, a saber: i) a natureza do social: a sociedade é de essência intersubjetiva; ii) a natureza do signo: o signo é para agir; iii) a natureza do sujeito: o sujeito é feito do

que ele não é. Uma das características do dialogismo bakhtiniano é essa tripla relação entre o autor, o enunciado e o outro. O próprio Bakhtin (1997) entende que o signo é interindividual. Para o autor, tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da “alma”, fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. Entretanto, não se pode deixar a palavra para o locutor apenas, que tem seus direitos imprescritíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos visto que não existe palavra que não seja de alguém. O autor conclui que a palavra é um drama com três personagens: o autor, o locutor e o enunciado.

### **O eu e o outro em Bakhtin**

Moreira (2004), em um artigo publicado no *Jornal Cruzeiro do Sul*, nos faz inferir que algumas das características dos estereótipos consistem em que eles estão intimamente ligados com a cultura, exercendo um papel muito forte na sociedade; são ensinados e aprendidos durante a infância; permanecem inalterados e são muito lentos no seu processo de mudança, arrastando até os preceitos religiosos e tradições que evocam o respeito ao ser humano; são externados em situações de tensão e usados como arma para atingir a moral e a autoestima do outro; mesmo aqueles tidos como estereótipos positivos, carregam em si uma enorme carga de segregação.

Permeado pelos textos e tendo como referência o outro, Bakhtin (1997) entende que o eu está sempre em construção e precisa do outro para conservar seus conceitos ou modificá-los. Essa relação dialógica do ser humano vai muito além dos meandros da linguística. O ser humano é um ser em constante formação, e este desperta a sua consciência a partir da consciência do outro. Em suas próprias palavras,

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles

recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo. Elementos de infantilismo na autoconsciência ("Será que mamãe gostaria de mim assim...") às vezes persistem até os nossos últimos dias (a percepção e a representação de si, do próprio corpo, do próprio rosto, do seu passado, num tom enternecido). Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro. É mais tarde que o indivíduo começa a reduzir seu eu a palavras e a categorias neutras, a definir-se enquanto homem, independentemente da relação do eu com o outro (BAKHTIN, 1997, p. 379).

Em suma, o homem é influenciado positiva ou negativamente pela palavra do outro. Não é necessário que esse outro seja materializado, pois mesmo um ser humano totalmente isolado de outros em uma sociedade cria seus conceitos baseados em um outro imaginário (ou não). A linguística, entretanto, não dá conta dessa complexa relação entre os sujeitos dos discursos, nem da formação dos sujeitos através dos discursos.

A preocupação com o outro é recente nas pesquisas em Ciências Humanas. Moita Lopes (2008) retoma a importância do outro na pesquisa e entende que a problemática que se apresenta como desafio para a contemporaneidade é saber como podemos criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes daqueles que estão à margem; e saber como aqueles que vivenciam o sofrimento humano com base em suas epistemes diferentes podem colaborar na construção de uma sociedade mais humana, mais delicada com a natureza e com as pessoas ou, pelo menos, na compreensão de tal sociedade. E a mídia tem um papel fundamental nesse contexto, visto que

A tecno-informação possibilitou um mundo mais veloz de discursos que podem abrir nossos olhos para outras formas políticas de viver, questionando verdades naturalizadas em todos os sentidos. Entretanto, este mundo é também o mundo de uma exclusão ainda mais contundente, em que a economia

rege todas as esferas sociais. Nesse contexto, a mídia passa a ter um lugar estratégico na sociedade. O papel da mídia na construção de quem somos tem sido continuamente enfatizado (MOITA LOPES, 2008, p. 83-84).

O papel da mídia na luta contra os estereótipos e preconceitos, segundo Hansen (2006), é altamente relevante. Para ele, a mídia deve informar para fornecer uma análise e para defender o direito de fazê-lo, não importa se tal atitude reduzirá ou promoverá estereótipos. Salienta ainda que os meios de comunicação têm uma responsabilidade, e de fato um direito, para refletir e promover um conjunto de valores de tolerância e compreensão mútua.

Bakhtin (1997, p. 388) faz uma série de questionamentos e traça conclusões bastante interessantes sobre a construção e reconstrução da identidade do ser humano tendo como referência o outro. O autor considera que a evolução histórica da autoconsciência está vinculada à evolução dos meios de expressão pelo signo (principalmente a língua). Para ele, “a distinção entre o espaço e o tempo do meu eu e a espaço-temporalidade do outro está registrada na sensação vivida, mas o pensamento abstrato a apaga. Na sensação primitiva e natural de si, o eu e o outro se confundem”.

### **Procedimentos metodológicos**

Foi utilizado o texto introdutório do artigo de Wingfield e Karaman (1995) denominado *Arabic Stereotypes and American Educators* com o intuito de identificar como os estereótipos são passados e qual a relação dialógica e as vozes por trás do discurso sobre os árabes e o terrorismo. Este artigo é de natureza interpretativista, com base etnográfica, por caracterizar-se pela necessidade de investigar uma narrativa que tem por base o comportamento humano em seu contexto social.

Para Moita Lopes (1994), a pesquisa interpretativista não baseia a análise dos fatos sociais na utilização da metodologia de pesquisa quantitativa. De acordo com essa perspectiva, a realidade não pode ser independente do indivíduo, porque ela é

construída por ele; o pesquisador não pode contemplar a neutralidade, pois os fatos sociais são vistos como indissociáveis da figura do pesquisador, e este é parte integrante do processo de conhecimento, interpretando os fenômenos e atribuindo-lhes um significado. Moita Lopes (1994) considera ainda que mesmo que a visão do pesquisador seja parcial, ela não pode ser excluída do processo, salientando que à visão do pesquisador devem-se acrescentar outras para que a intersubjetividade se realize através da triangulação das muitas vezes envolvidas na pesquisa.

Em consonância com essa visão, Chizzotti (1991) afirma que a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O autor ressalta que os dados não são acontecimentos fixos, coisas isoladas, inertes, neutras, mas fenômenos que se dão em um contexto fluente de relações e não se restringem às percepções aparentes, estando recheados de significados e de relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Contextualizado dentro da área da Linguística Aplicada, o presente estudo foi realizado sob o ângulo da perspectiva interpretativista porque acreditamos ser esse o modelo metodológico que atende mais adequadamente aos propósitos analíticos, devido ao fato de este estudo estar concentrado em uma análise de traços, e não em uma descrição estatística de informações.

## **Resultados e discussão**

O texto do artigo de Wingfield e Karaman (1995) analisado foi o seguinte:

[...] Após os ataques de 11 de setembro, uma menina de cinco anos de idade voltou da escola para casa e perguntou ao seu pai, “O que significa terrorista? As outras crianças me chamaram de terrorista.” As crianças de um ônibus escolar disseram a uma outra criança de sete anos de idade, “Você é muçulmana, você fez isso”. Então os alunos árabe-

americanos de uma escola de ensino fundamental ouviram comentários pelos corredores, “Vamos matar todos aqueles árabes. Eu odeio aqueles camelos”[...] (WINGFIELD; KARAMAN, 1995, p. 1, tradução nossa).<sup>3</sup>

Os estereótipos são versões hipersimplificadas da realidade e dependem mais de quem vê do que de quem é visto. De acordo com Lippmann (1922), eles funcionam como guias que ajudam o indivíduo a lidar com informações complexas e, ao mesmo tempo, proteger os seus valores e interesses.

Burgess (2003, p. 1) entende que grupos tendem a definir-se de acordo com quem são e quem não são. E os “outros”, especialmente os “inimigos” ou “adversários” são muitas vezes vistos de forma muito negativa. Ao adversário, espera-se que ele seja agressivo e enganoso, por exemplo, enquanto que as pessoas do mesmo grupo são vistas, de forma geral, positivamente. Da mesma forma, se ocorrerem problemas, a culpa recai frequentemente sobre o “inimigo”, enquanto que a contribuição própria para o problema é ignorado. O autor salienta que mesmo semelhanças entre as partes podem ser vistas de forma diferente: a própria competitividade pode ser vista em uma perspectiva positiva como “negociação dura e eficaz”, enquanto as ações competitivas do oponente são vistas como “hostis e enganosas”.

No enunciado exposto, a imagem estereotipada construída (os árabes são terroristas) situa-se fora do locutor, ou seja, não é do locutor que o proferiu. O fato de associar o terrorismo aos árabes já estava sendo veiculado pela mídia há bastante tempo. Nos anos 70 e 80, por exemplo, os conflitos no Oriente Médio extrapolaram definitivamente as fronteiras nacionais e ganharam uma dimensão internacional através da cobertura da mídia sobre o terrorismo. Lewis (2004, p.137) aponta que “Os terroristas árabes das décadas de 70 e 80 deixaram claro que estavam

---

<sup>3</sup> After the September 11 attacks, a five-year-old girl in San Francisco came home from school and asked her father, “What does it mean, terrorist? The other kids called me a terrorist.” Children on a school bus told a seven-year-old, “You’re Muslim, you did it.” Arab-American high school students overheard comments in the hallway, “Let’s kill all those Arabs. I hate those camels.”

lutando em uma guerra por uma causa nacional árabe ou palestina, não pelo Islã”.

Entretanto, os eventos de 11 de setembro abriram um novo capítulo na história da sociedade de risco. De acordo com Habermas (2006), o terrorismo foi associado ao nome AL Qaeda, o que tornou uma identificação do adversário e uma estimativa realista dos riscos impossíveis. O autor salienta que, em Israel, sabe-se o que pode acontecer quando se anda de ônibus, entra numa loja, ou permanece em discotecas ou lugares públicos – assim como a frequência com que acontece. Nos EUA, ou na Europa, não se pode delimitar o risco; não há qualquer estimativa realista do tipo, da ordem de grandeza, da probabilidade do risco, ou se quer uma delimitação das regiões que possam ser atingidas. Arriscamo-nos a dizer que, associando o terrorismo a AL Qaeda, a imagem do terrorista atingiu ampla proporção pela mídia, fazendo com que o locutor associasse essa representação a todos os muçulmanos.

Enteman (1996) aborda a diferença entre os estereótipos, o preconceito e a discriminação e salienta que a combinação dessas três categorias é letal. Para ele, o estereótipo converte uma pessoa real a uma pessoa artificial. Nos atos estereotipados, ignoramos a individualidade de um povo e o tratamos como membros de algum grupo que decidimos que eles deveriam representar; paramos de tratar as pessoas como cidadãos reais, que possuem direitos, para tratá-las como pessoas artificiais, que são tratadas como extensões de uma categoria que construímos. Preconceito e discriminação engrandecem os perigos dos estereótipos por conta da preguiça natural que é historicamente parte do estereótipo, que é estendido por outra preguiça natural: a generalização ténue.

O que atenuou atitudes estereotipadas dos estudantes daquela escola foi o fator sócio-histórico (os ataques de 11 de setembro). O ganho teórico do dialogismo bakhtiniano se acentua no momento em que o discurso é entendido “como uma ‘construção híbrida’ (in)acabada por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (DAHLET, 2005, p. 56). A compreensão

do todo do enunciado e da relação que ali se estabelece é necessariamente dialógica.

Para Bakhtin (1997), a própria compreensão é de natureza dialógica num sistema dialógico, cujo sistema global ela modifica. Compreender, para ele, é, necessariamente, tornar-se o terceiro num diálogo (não no sentido literal, aritmético, pois os participantes do diálogo, além do terceiro, podem ser em número ilimitado), mas a posição dialógica desse terceiro é uma posição muito específica. O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Esse destinatário é o segundo (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior, cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. O estudioso ainda entende que uma das especificidades das ciências humanas é o homem enquanto produtor de textos. As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Destaca também que o ser humano vive no universo das palavras do outro, e toda a sua vida consiste em conduzir-se nesse universo, em reagir às palavras do outro, e tais reações podem variar infinitamente, a começar pela assimilação delas para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra).

A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente). Essa redistribuição de tudo o que está expresso na palavra, e que dota cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras pessoais (percebidas como pessoais), representa o fato primário da consciência humana e da vida humana que, como tudo que é primário e evidente,

até agora foi pouco estudado (pouco conscientizado), ou, pelo menos, não se conscientizou a enorme importância desse princípio. Enorme importância desses fatos para a pessoa, para o eu do homem (em sua irreprodutibilidade). A complexa relação com a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna toda a vida do homem. Apesar disso, a palavra encarada pelo ângulo dessa relação, e o eu do locutor, posto nesta mesma relação, nunca foram estudados (BAKHTIN, 1997, p. 384-385).

O ato humano não pode ser compreendido fora do contexto dialógico do seu tempo. Bakhtin (1997) salienta que o discurso está permeado pela palavra do outro, palavra essa entendida como qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita na própria língua (língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a do locutor. Nesse sentido, todas as palavras (os enunciados, as produções verbais, assim como a literatura), com a exceção das próprias palavras, são palavras do outro. Dessa forma, o discurso retomado pelas crianças da escola norte-americana de ensino fundamental contra os alunos árabe-americanos de uma escola de ensino fundamental, especialmente o discurso "Vamos matar todos aqueles árabes. Eu odeio aqueles camelos", não pertence especificamente ao locutor, está fora dele.

A criança muçulmana não recebeu o enunciado passivamente, e também todos aqueles cujas vozes ecoaram no enunciado estereotipado (os povos árabes e os discursos proferidos por outros sobre eles) foram indiretamente retomados. Bakhtin (1997) formula que a relação dialógica do ser humano vai muito além dos meandros da linguística, visto que o homem é um ser em constante formação, e é influenciado positiva ou negativamente pela palavra do outro. Assim, quando o discurso estereotipado, seja ele um discurso positivo ou negativo, é proferido, existe a formação, divulgação ou afirmação de conceitos.

A formulação ou o reforço de estereótipos também pode ser difundido pela mídia. Machado (2006) explica ser possível

que as novelas com altíssima audiência no exterior sejam usadas para reforçar estereótipos pouco louváveis sobre o Brasil, como a ideia de que ali a licenciosidade sexual seja regra. Isso também pode ocorrer com aquilo que vem do exterior e é difundido no Brasil, influenciando a visão do brasileiro sobre o estrangeiro. O papel do professor para evitar que essas representações generalizadas sejam formadas e transmitidas é de suma importância para a construção e reconstrução da identidade do estudante.

### **Considerações finais**

A noção de sujeito em Bakhtin, explana Keske (2004), está envolvida com a própria natureza constitutivamente dialógica da linguagem, remetendo à permanente interação entre o eu e o outro discursivos. O sujeito bakhtiniano é deslocado de seu centro e passa a habitar uma determinada “periferia” coletiva, onde dialoga com as diferentes vozes sociais de seus pares. Trata-se, na verdade, de um sujeito concreto e real que, contextualizado em seu espaço – tempo social – histórico e ideológico, localiza-se no mundo.

Uma das novas formas de produzir conhecimento com base em outros olhares e, assim, colaborar na reinvenção da vida social, segundo Moita Lopes (2008), é considerar as perspectivas marginalizadas, de modo que, ao conhecer as margens em sua própria voz, também seja possível conhecer o centro. Ainda segundo o autor, se quisermos saber sobre a linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito e estudar mais a sociologia, psicologia, antropologia, história, geografia, visto que esses campos possibilitam intravisiões reveladoras para os estudiosos da linguagem.

Tendo como foco essas áreas do saber que o autor propõe uma Linguística Aplicada Indisciplinar, ou seja, uma linguística híbrida, mestiça, que estabelece diálogo com outras áreas do saber (como as que focalizam a sociedade, a política e a história).

Rajagopalan (1997) explana o que quer dizer essa indisciplinaridade. Para ele,

Indisciplinaridade não significa necessariamente descrença total nas abordagens teóricas que aí estão. Muito menos significa desejo de 'bagunçar o coreto' da sinfonia acadêmica, formada pelas diversas disciplinas. Significa, no meu modo de entender, uma certa vontade de trabalhar novas questões ou, por que não, velhas questões sob novas perspectivas. Significa, isto sim, abordar tanto os problemas tradicionais como as soluções consagradas propostas a cada um deles com um pouco mais daquilo que se pode chamar de 'espírito de problematização', um pouco mais do espírito tão saudável do ceticismo (desde que, é claro, utilizado com prudência) – enfim, temperar tudo o que é oferecido a nós como pontos pacíficos do saber '*with a grain of salt*', como dizem os ingleses (RAJAGOPALAN, 1997, p. 5).

Partilhamos da mesma ideia de Moita Lopes (2008, p. 104), quando o autor considera que "todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social e outras alternativas sociais". Destarte, entender como olhamos o outro é uma tentativa de compreendermos a nós mesmos sob a nossa ótica (o olhar do Sul).

Santos e Oliveira (2009) ressaltam as três funções básicas do ensino de LE na escola pública: a primeira de natureza legalista, cumprir o que o Ministério da Educação determina por meio dos PCN (BRASIL, 1999), que é a oferta de pelo menos uma língua estrangeira a partir do ensino fundamental; a segunda de natureza social, pois o desenvolvimento da leitura de textos em uma língua estrangeira pode auxiliar o estudante no processo de inserção cultural, tornando-o um cidadão mais consciente de si mesmo e dos outros; e a terceira de natureza cognitiva, visto que a aprendizagem de línguas estrangeiras cumpre a função de ajudar o estudante a se desenvolver cognitivamente, já que o auxilia na construção de conhecimentos. Em uma abordagem intercultural para o ensino, é importante que o professor motive o aluno a aprender, ensinando-o não somente regras gramaticais,

mas os estereótipos formulados pelos autores do livro sobre determinada cultura. Leffa (2003) apresenta uma lista de exemplos com objetivos dos materiais a serem produzidos pelos professores. Depreende-se, com a leitura do artigo, que essa lista deve conter textos para que o aluno identifique estereótipos culturais existentes. A partir de uma análise sobre o que está ou não estereotipado nos livros, o professor pode começar a produzir o seu próprio material de ensino e pesquisa.

Pennycook (1998, p. 43) ressalta o caráter transgressor da LA no sentido de repensar o ensino de LE em seus contextos sociais, culturais e políticos, “levando em consideração o gênero, a raça e outras relações de poder, bem como a concepção do sujeito como sendo múltiplo e formado dentro de diferentes discursos”. O foco das pesquisas do linguista aplicado, esclarece Damianovic (2005), passou a ser a presença de problemas com relevância social suficiente para exigir respostas teóricas que trouxessem benefícios sociais a seus participantes. Tornou-se importante compreender o sujeito como múltiplo, contraditório e construído dentro dos diferentes discursos. Os linguistas aplicados passaram a ter a necessidade de olhar as relações de poder na formação do sujeito na linguagem e por meio dela.

Espera-se que este artigo possa auxiliar a incentivar outros educadores e pesquisadores a olharem para o seu objeto de pesquisa através de uma nova ótica. Abordar o tema estereótipos através da perspectiva dialógica bakhtiniana (A imagem do outro para mim x A imagem minha para o outro x A imagem minha para mim mesmo) pode auxiliar os educandos a observarem a ideologia e os interesses que perpassam os discursos, a desenvolverem o senso crítico e a formarem opiniões e conceitos consistentes sobre os estereótipos, e o que está ou não sendo estereotipado através do discurso do outro.

## Referências

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Stéréotypes et Clichés*. Paris: Nathan, 1997.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In.: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias*. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999. p 49-63.

BURGESS, H. Stereotypes / Characterization frames. In.: BURGESS, G.; BURGESS, H. (Org.). *Beyond intractability*. University of Colorado, Boulder. Postado em: Out., 2003. Disponível em: <http://www.beyondintractability.org/essay/stereotypes/>.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In.: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

DAMIANOVIC, M. C. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 181-196, 2005.

ENTEMAN, W. F. Stereotyping, prejudice and discrimination. In: LESTER, P. M. (Org.). *Images that injure: pictorial stereotypes in the media*. Westport Connecticut: Praeger Publishers, 1996. p. 9-14.

HABERMAS, J. *O ocidente dividido*. Tradução: Luciana Villas Boas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

HANSEN, O. G., HOWARD. R. *et al.* *Moving beyond stereotypes: a report about stereotypes and mutual prejudices in education and media. Europe and the Middle East*. Copenhagen: Danish Center for Culture and Development, 2006.

KESKE, H. I. Dos sujeitos enunciativos e seus contextos dialógicos: Bakhtin e seu outro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

LAKATOS, E. M. *Sociologia geral*. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, V. J. (Org.). *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: EDUCAT, 2003. p. 13-38.

LESTER, P. M. (Org.). *Images that injure: pictorial stereotypes in the media*. Westport Connecticut: Praeger Publishers, 1996.

LEWIS, B. *A crise do Islã*. Tradução: Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

LIPPMANN, W. *Public opinion*. Nova Iorque: Free Press, 1922/1961.

MACHADO, I. J. R. Entre Portugal e Brasil: jogos ambíguos de identidades e poder. In: Comciência (Org.). *A construção do novo império português*. Acesso em: 10 dez. 2006. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr14.htm>

MOITA LOPES, L. P. *Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORALES, J. F. *Psicologia social*. Madrid: McGraw Hill, 1997.

MOREIRA, E. F. *et al.* Estereótipos sociais de universitários em relação aos ambientalistas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 117-127, 2004.

MOREIRA, R. B. R. N. *Branços e negros no Brasil: o preconceito*. Jornal Cruzeiro do Sul. Acesso em: 19 nov. 2004. Disponível em: <http://www.jcsol.com.br/2004/11/19/19A204.php>

OAKES, P. J.; HASLAN, A.; TURNER, J. C. *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell, 1994.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.23-47.

RAJAGOPALAN, K. A prática da linguística e a linguística da prática. *Intercâmbio*, v. 6, 1997.

SANTOS, J. A.; OLIVEIRA, L. A. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In.: LIMA, D. C. (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TORRECILLAS, M. V. C. O estereótipo do caipira brasileiro na Literatura, nos quadrinhos e na pintura. *Cadernos de Pós Graduação em Letras*, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 8, n. 1, 2008.

WINGFIELD, M.; KARAMAN, B. Arab stereotypes and american educators. *Social Studies and the Young Learner*, Michigan, v. 7, n. 4, p. 7-10, 1995.

Recebido em 17 de agosto de 2012  
e aceito em 25 de outubro de 2012.

**Title:** *"You're Muslim, you did it": the representation of the other in stereotypical discourse*

**Abstract:** *The purpose of this article is to analyze stereotypes under the perspective of education, based on some of the concepts formulated by the Russian scholar Mikhail Bakhtin, including the concept of dialogism and the relation between the "self" and "the other" in the continuous construction and reconstruction of identity. In order to further understand these imaginary representations and the effective application of the above mentioned bakhtinian concepts, an introduction of an article written by Wingfield and Karaman (1995) entitled "Arabic Stereotypes and American Educators" will be the object of analysis. The text allows us to analyze how stereotypes are created, passed on, and how dialogism and the relation between the "self" and "the other" work for the construction of identity.*

**Key words:** *Stereotypes. Dialogism. The "self" and "the other".*